

Relatório de visita de estudo<sup>1</sup>

## “A Abóbada não caiu... a abóbada não cairá!”

### Visita de Estudo ao Mosteiro da Batalha

#### **Turma 11.º do Curso de Línguas e Humanidades**

Escola Secundária José Falcão - Coimbra

direcao@esjf.edu.pt

#### **Prof.ª Bibliotecária Filomena Pedroso**

Escola Secundária José Falcão – Coimbra

filomena.pedroso@esjf.edu.pt

#### **Resumo**

Neste relato procedemos à contextualização da visita de estudo dinamizada pela Escola Secundária José Falcão (Coimbra) ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, Batalha. Após uma breve descrição do processo de preparação da atividade, expomos as dinâmicas desenvolvidas no interior do monumento, destacando os aspetos relevantes na concretização do objetivo da visita, ou seja, obter sobre o Mosteiro conhecimentos que nos fortalecessem culturalmente e nos permitissem uma leitura analítica mais profícua da obra “A Abóbada” da autoria de Alexandre Herculano, que tem como referente a construção deste mosteiro. Por fim, fazemos o balanço da visita, introduzindo sugestões que poderão aprimorar esta iniciativa.

#### **Introdução**

No passado dia 18 de janeiro de 2017 todas as turmas de 11.º ano da Escola Secundária José Falcão, de Coimbra, estiveram envolvidas numa visita de estudo ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, acompanhadas pelos respetivos professores de Português e História, responsáveis pela sua organização. Esta iniciativa, que está incluída no Plano Anual de Atividades da nossa Escola, integra-se no âmbito do estudo da narrativa *A Abóbada*, de Alexandre Herculano, obra de leitura integral obrigatória no 11.º Ano, de acordo com *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Secundário*.

Assim, tratando-se de uma experiência pioneira, uma vez que este é o primeiro ano de aplicação das *Metas Curriculares de Português* no 11.º ano, no presente relatório gostaríamos não só de partilhar a nossa experiência com outras escolas do país, fazendo um balanço dos aspetos positivos e negativos, bem como apontar sugestões de melhoria desta iniciativa.

---

<sup>1</sup> A partir de “Comunicar em ciência – como redigir e apresentar trabalhos científicos, de Ana Carla Madeira e Maria Manuel Abreu. Escolar Editora.

## Desenvolvimento

A visita de estudo ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, foi planeada em articulação interdisciplinar entre os nossos professores de História e Português e com o apoio da biblioteca escolar. Deste modo, foi feita uma breve abordagem à contextualização histórica da construção do referido Mosteiro, pesquisando nos documentos selecionados pela biblioteca (Dicionários de História de Portugal, guiões disponibilizados no sítio web do Mosteiro da Batalha), e durante a aula de História reforçámos o conhecimento sobre alguns contextos e conceitos.

Foi assim que recordámos a crise política de 1383-1385 que, de forma literária, tínhamos abordado no ano anterior, nas aulas de Português, quando estudámos a *Crónica de D. João I* da autoria de Fernão Lopes. Mais vulgarmente conhecido como Mosteiro da Batalha, o Mosteiro de Santa Maria da Vitória foi construído na sequência de um voto que D. João, Mestre de Avis, fez à Virgem, no ano de 1385, em 14 de agosto, véspera do dia da Assunção de Nossa Senhora, enquanto Portugueses e Castelhanos se preparavam para o confronto da Batalha Real (mais conhecida por Batalha de Aljubarrota).

Ainda antes de partirmos à descoberta do *livro de pedra*, conforme o apelida o arquiteto Afonso Domingues na novela *A Abóbada*, a professora de Português apresentou-nos o romancista histórico Alexandre Herculano, tal como o período literário no qual a obra se integra – o Romantismo. Assim, a evocação da Idade Média e a consolidação do espírito nacional, num passado cheio de grandeza heroica, presentes nesta novela, revelaram-se um desiderato assumidamente romântico.

Conforme a planificação da atividade, partimos da escola na fria manhã de 18 de janeiro pelas 8h30min. Chegados à Batalha, os 150 alunos participantes foram subdivididos em três grupos de 50, de modo a que se pudessem concretizar de forma desfasada as três principais dinâmicas previstas: a visita guiada ao Mosteiro; a leitura comentada de excertos da narrativa *A Abóbada*; e a participação na visita encenada “Eram só pedras quando tudo começou”.



**Ilustração 1. Cartaz do espetáculo**

Fonte: <http://www.mosteirobatalha.pt/pt/index.php?s=noticias&noticia=91#n2>

Conquanto estivesse uma temperatura glacial dentro do Mosteiro, aventurámo-nos na exploração deste monumento, expoente máximo da arte gótica em Portugal no qual podemos contemplar estruturas arquitectónicas de traço manuelino.

Em primeiro lugar, fomos desafiados a assistir a um espetáculo interpretado pela companhia de teatro “Nariz”. “Eram só pedras quando tudo começou” (cartaz na figura à esquerda) é uma peça conduzida por três atores (arquitetos) que, de cem em cem anos, se reúnem para verificar as condições em que se encontra o seu trabalho. Esta visita encenada permitiu-nos conhecer alguns dos pontos-chave do desenho arquitetónico do monumento, desde o Portal de Huguet (e que abre o corpo do Mosteiro, à vila, a Portugal e ao Mundo), ao Portal de Mateus

Fernandes, que envolve num manto de delícias e subtilezas as Capelas nunca mais completas. Consideramos que o humor dos artistas e a interação que foi sendo promovida conosco, nessa deambulação encenada pelo edifício, nos fez desvalorizar o frio gélido daquele espaço, e apercebermo-nos da imponência, grandiosidade e beleza esmagadora daquele monumento, classificado em 1983 como Património Mundial pela UNESCO.

De seguida, na perspetiva da novela romântica, os professores levaram-nos a cada um dos espaços mais significativos do edifício. À medida que fomos ouvindo os principais aspetos da história do Mosteiro, fomos fazendo, em interação com os professores e colegas, a leitura dialogada de algumas passagens textuais de *A Abóbada*, em contexto. Por um lado, em termos históricos, tivemos de apelar à nossa imaginação, pois o monumento com que nos deparamos hoje não é propriamente igual ao Mosteiro quatrocentista ou quinhentista. Registam-se muitas diferenças, tanto a nível de instalações e espaços, como a nível das funções para as quais foram concebidas. Percebemos que para tais diferenças contribuíram, particularmente, três grandes fatores: o Terramoto de 1755; as Invasões Francesas (em 1808 e 1810); e a extinção das Ordens Religiosas. Além disso, e ainda em termos literários, foi memorável a leitura, entre outros, do excerto que relata o voto fatal de Afonso Domingues, no capítulo V da obra, que culmina com a morte do herói romântico, depois de ter ficado sob a abóbada durante três dias e três noites, sem comer nem beber. “A abóbada não caiu... a abóbada não cairá!” foram as últimas palavras do mestre Afonso Domingues. A Sala do Capítulo, onde está a famosa abóbada, em forma de estrela, de oito pontas, com 16 nervuras radiantes, sem qualquer tipo de pilar ou coluna a sustentá-la, era a sala onde se reuniam os frades, presididos pelo prior, para a leitura do capítulo ou da vida dos santos. Servia para todas as assembleias, em especial quando era preciso decidir qualquer assunto de interesse geral para o convento.

Como atualmente nesse espaço se encontra o Monumento aos Soldados Desconhecidos, cujas ossadas foram trasladadas em 1921 para a Batalha, é obrigatório fazer silêncio, as leituras dos excertos foram realizadas no claustro, ali ao lado. Ficámos impressionados com a guarda de honra que, com espírito de sacrifício pátrio velava o espaço, sem pestanejar...

Depois de uma hora e quinze minutos dedicada à peça teatral e uma hora e meia consagrada à visita guiada ao Mosteiro, com leitura contextualizada de excertos da obra em estudo, regressámos a Coimbra, ao início da tarde, com impressões e memórias que temos vindo a atualizar ao longo das nossas aulas de Português e que virão a fazer parte do portefólio da turma.

## **Conclusões**

Em síntese, no dia seguinte, feito o balanço na sala de aula, concluímos que aprendemos mais em duas horas de visita ao “*imenso livro de pedra*” do que em muitas aulas de 50 minutos, encerrados e estáticos dentro da sala de aula. Depois desta iniciativa que realizámos antes do início do estudo da obra, que tem como referente a construção do referido Mosteiro, a leitura analítica da mesma será, certamente, mais profícua. Adorámos a peça, percebemos a colossal dimensão do edifício, compreendemos a tarefa hercúlea que, à época, foi a sua construção e aprofundámos o nosso relacionamento interpessoal que fica

sempre mais enriquecido com atividades que quebram a rotina e nos entusiasma. Percebemos também que “no conflito entre ficção e História é a primeira que leva a primazia, por muito que à segunda custe” (Reis, 1982). Alexandre Herculano em *Lendas e Narrativas*, coletânea à qual pertence a novela “A Abóbada” revelou não estar preso à realidade histórica e, por isso, a ficção sobrepõe-se a ela.

Como esperamos que esta iniciativa se repita, gostaríamos de sugerir uma visita programada a espaços reservados do monumento (ex. Coruchéu da Cegonha), como forma de enriquecer a experiência arquitetónica. Considerámos, ainda, que foi pena não termos ficado no período da tarde para conhecer melhor aquela região. Ali bem perto poderíamos ter ido visitar o *Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota*.

Concluindo, aconselhamos a visita contextualizada ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, para melhor compreender o idealismo religioso e cavaleiresco da Idade Média, o amor à pátria e a coragem do povo português, vetores temáticos da novela romântica “A Abóbada” de Alexandre Herculano.

### **Referências bibliográficas**

Reis, C. (1982). Herculano e a ficção romântica. In *Construção da Leitura. Ensaios de Metodologia e de crítica literária*. Coimbra, I.N.I.C. / *Centro de Literatura Portuguesa*, p.106.